

ELA NUNCA QUIS SER DIFERENTE.

IMPURΘS



1ª Edição

L. A. D E G A N N I

**DE MIM PARA TODOS E DE TODOS
PARA O MUNDO**

“ Os Impuros erguem-se e caem pelos seus
próprios motivos e atos; nenhum deles
se purifica através dos outros.”

L. A D E G A N N I

— CAPÍTULO UM —

A Garota em Perigo

Na verdade, eu nunca quis ser uma Impura. Nunca quis ver as pessoas que amo sofrerem por minha causa. Não pude escolher, mas se pudesse, escolheria ter uma vida tranquila se possível. É terrível viver fugindo ou tendo que se esconder para sobreviver. Em nosso mundo, o medo é sempre algo muito constante e real. Não há como fugir disso. E não existe caminho ou meio fácil para quem é diferente, pois quando as sombras se movem no meio da noite para caçá-lo, é matar ou morrer. Pois não existem garantias no amanhã.

Para alguns ser Impuro talvez seja um dom, mas para mim, talvez não seja mais do que um terrível fardo. As terríveis experiências dos últimos meses trataram muito bem de deixar tudo isso bem claro. Afinal, por que coisas ruins acontecem sempre com pessoas boas? Principalmente, com aquelas que amamos tanto? Toda vez que penso sobre isso, congelo. Influência do destino ou não, ser uma Impura, facilita para que coisas ruins aconteçam com você. Na verdade, é apavorante viver sobre a mercê de um possível ataque. Não nego que coisas boas também tenham acontecido comigo. Contudo, quando os dias sombrios aumentam, existem mais momentos ruins do que bons para serem lembrados.

Meu nome é Jayne Darhmer.

Até alguns meses atrás, era uma aluna comum do Colégio San Beneddith, uma instituição particular para adolescentes do norte do Estado da Califórnia. Sendo bem específica, moro no subúrbio de Los Angeles, sim, naquela cidade conhecida mundialmente por centros de negócios e apelidada de "Cidade dos Anjos". Sinceramente, só agora compreendo o porquê de tal nome.

Eu poderia partir de qualquer ponto da minha vida, mas as coisas começaram a ficar difíceis mesmo, no final do mês de junho, quando a minha mãe resolveu dar uma festa em comemoração ao meu aniversário de quinze anos.

O primeiro ano era mesmo uma grande fase de descobertas e se assim por dizer, de grandes expectativas, medos e confusões. Mas, naquele dia, havia acordado bem cedo. Afinal, não é todo dia que uma garota completa quinze anos. Por mais que eu quisesse acordar mais tarde, não podia perder o último dia de prova. [sim, isso era um saco]. Apesar de tudo, veria os meus amigos e sairia do colégio, felizmente mais cedo do que o costume.

Então, tomo um bom banho quente, visto o uniforme: uma camisa branca com listras vermelhas. E me preparo para descer para tomar o café da manhã. Resolvo não prender os meus cabelos como sempre fazia, pois isso exigia tempo e caso surgisse qualquer outra ocasião, não me sentiria tão incomodada com os meus cabelos castanhos soltos. Deixaria os penteados complicados para depois, para a tão aguardada festa de debutante.

Logo, ao descer as escadas, fui surpreendida por um exuberante banquete de café da manhã. Nossa mesa não era tão grande, mas naquela ocasião especial estava repleta de pães, bolos, rosquinhas doces, panquecas, tortilhas de frango e alguns variados tipos de sucos naturais. De um certo modo, bem lá no fundo, eu já sabia que ela havia exagerado novamente.

Minha mãe ao me ver, me recebe radiante com um sorriso estampado no rosto enquanto me abraça forte.

— Feliz Aniversário, querida! - murmurou Laura.

Tento ficar calma e não começar uma discussão.

— Obrigada - digo meio sem jeito. — Mãe...

— Não se preocupe - insistiu ela preparando mais algumas panquecas. — Sente-se, hoje quero poder comemorar com a minha filha desde cedo.

Tento não a questionar e faço logo o que ela me pede. Deixo minha mochila de lado e pego uma panqueca, passando bastante geleia de amendoim e tomando um pouco do suco de laranja. Sabia que Laura estava atarefada demais com os preparativos da festa, cuidando da casa e também do antiquário. [Sim, você ouviu bem, mantemos uma loja de antiguidades perto do centro de Los Angeles]. Mesmo assim, a nossa renda era frequentemente bem menor que nossos gastos e a loja já não supria quase todas as grandes despesas como antigamente. Apesar disso, ela sempre insistia para que eu tivesse uma ótima educação e uma festa inesquecível.

— Nossa... isto aqui está muito bom! – solto saboreando a massa macia e doce que só minha mãe conseguia fazer. — Faz tanto tempo que quase já tinha me esquecido desse gosto.

— Prometo que, quando as coisas melhorarem, que voltarei a fazer lanches especiais assim com mais frequência. - disse ela ao se sentar, colocando em seu prato uma panqueca e um pouco de mel por cima dela, saboreando-a com calma, sem pressa. — E então, muito ansiosa para hoje?

Difícil mesmo era não estar.

— Sim, não vejo a hora, tudo vai ser perfeito.

— Que ótimo! - sorriu ela. — Vê-la contente me deixa feliz, sabe bem disso. Podemos estar passando por um período complicado, mas não se preocupe querida, ficaremos bem.

— Tem certeza disso? - pergunto. — Não quero que você se sacrifique tanto por minha causa. Não quero vê-la se matando de trabalhar ou infeliz por minha causa chorando pelos cantos. Talvez se o papai estive aqui...

Ela me interrompe.

— Por favor - insistiu Laura. — Não vamos estragar o dia com este assunto. Você sabe que não gosto de falar sobre o passado.

Todos os anos era a mesma coisa. Eu perguntava sobre meu pai e ela se esquivava evitando responder. A questionava sempre do porquê dela o odiar tanto, porém, Laura se negava a falar qualquer assunto sobre ele. Ainda que ela tivesse bem os seus motivos, aquilo não era nada justo comigo.

Naquela mesma hora, afasto o prato vazio para o lado, não tão satisfeita como esperaria que estivesse.

— Mãe... - visivelmente abalada, Laura se levanta e começa a recolher as coisas da mesa. — Eu tenho o direito de saber quem é meu pai, de conhecê-lo. Por que você nunca conversa comigo sobre ele?

— Desculpe, filha, você tem todo o direito de saber quem ele é, ainda mais hoje... - prosseguiu ela, inquieta. — No entanto, existem mais consequências ruins para você do que para mim, se souber. Não pode me exigir isso, filha. Por favor, esqueça isso. Não vamos falar mais disso.

Decifrá-la era sempre um desafio.

— Por favor, me diga! - insisto novamente. — Ele está vivo ou morto, o que aconteceu com ele?

— Jayne, não insista! - gritou ela, ainda mais triste e nervosa como de costume. A cada pergunta Laura parecia se lembrar de coisas que preferiria ter esquecido. — Desculpe, mas existem certas coisas que você não precisa saber. Não seria justo fazer isso com você.

— E esconder isso de mim, é? - eu questiono.

Um silêncio desconcertante tomou conta da cozinha. Ficamos sem dizer nada por alguns minutos. Mesmo que Laura tivesse sofrido muito e que meu pai não tivesse sido uma pessoa legal para ela, eu merecia uma explicação. Afinal, queria poder

entender os seus motivos de não dizer nada e de não ter nenhuma foto do meu pai pela casa. Além de saber o que havia acontecido com ele? Onde ele estava? Entretanto, não podia obrigá-la a dizer o que não queria. Mas o que eu poderia fazer? Já havia esperado por alguma resposta sensata dela por anos e anos, e nada. Mesmo ela estando completamente errada, eu não desistiria de obter todas essas respostas tão facilmente.

Naquele instante, o barulho da campainha muda completamente o rumo que aquela conversa poderia ter.

— Pode deixar. Eu atendo.

— Filha... - disse ela, chamando minha atenção. — Me perdoe, eu sinto tanto.

Um dia você me entenderá.

Apesar da vontade de chorar e sair correndo, me acalmo e verifico pelo “espiadouro” da porta quem tocava a campainha sem parar. Logo, percebo que Chris e Sedrik estavam me aguardando, eles pareciam bem mais ansiosos do que o costume. Ambos, além de serem os meus únicos e melhores amigos, eram para mim, quase que verdadeiros irmãos de sangue, pois havíamos crescido todos juntos no mesmo bairro e compartilhado incontáveis momentos bons e aventuras. Ninguém os conhecia tão bem ou a mais tempo, quanto a mim mesma.

— Já vai! Só um minuto.

— Rápido! - apressou-se Chris em dizer. — Temos que te mostrar algo.

— É - disse Sedrik ao ser cutucado. — Sim, nós temos!

Chris tinha um bonito cabelo loiro, bem liso, covinhas nas bochechas e olhos esverdeados que eram quase azuis. Ela usava sempre uma touca e um blazer azul bebê por cima da camisa branca de uniforme, o que bem, não sei como, combinava com sua calça escura e "all star" branco, listrado. Apesar de ser exagerada com suas

loucas vinganças particulares, festas e desprezar as regras da escola, ela não era de toda uma pessoa ruim ou uma má companhia.

Já Sedrik, tinha o cabelo quase ruivo, repicado, super descolado e usava uma jaqueta preta estilo "badboy". Adorava tanto rock que mal largava seu fone de ouvido. Vivia sempre com eles enfiados nas orelhas. Para ele, bastava ouvir um bom som, e pronto, se esquecia do mundo e de todos os seus problemas. Enquanto o Rock continuasse tocando, ele estaria bem. Mesmo ouvindo todas aquelas batidas e arranjos frenéticos e aparentasse ser durão e bastante reservado, Sedrik era um garoto calmo e de grande coração.

Basicamente, Sedrik era um cara fora dos padrões, diferente de todos os outros garotos do Colégio. Inteligente, bastante comunicativo e gentil... O que parecia importar para todos os outros, para ele, não era nada. Eram tantas as suas qualidades. A melhor delas, era que não ligava para as garotas patricinhas que insistiam em sair com ele. Com toda a certeza, eu não precisava de mais motivos para que as outras garotas me odiassem tanto. Afinal, Sedrik não dava a atenção que elas queriam tanto e não existe coisa pior para uma garota, do que ser ignorada.

Sedrik também odiava Futebol Americano, pois certa vez, após enfrentar o time tradicional da Escola Norithon, Os Falcões Sangrentos; Evan Jones, a estrela revelação do time adversário o atingiu de forma violenta, fazendo-o apagar completamente com a pancada. Naquele dia, o placar final do jogo para Sedrik foi, o seguinte: três costelas fraturas, um braço e uma perna quebrados, além de um mês de recuperação intensiva no hospital. Desde então, ele se recusava sempre a participar de atividades acadêmicas consideradas extremamente violentas.

Volto, pego a minha mochila e não consigo ir embora sem dizer nada. Apesar das discussões e dos segredos dela, Laura era a minha mãe e eu a amava. E isso era tudo que o que realmente importava.

— Sobre o meu pai, bem, apenas me conte tudo quando estiver pronta. Eu te amo! - digo indo até a porta, apressada.

— Tome cuidado, filha... - disse ela, como se nada tivesse acontecido. — Nos vemos depois na loja. Tenha uma excelente prova e aproveite bem a manhã com os amigos, querida.

Me apresso, esquecendo por um momento da nossa discussão. Não queria ficar remoendo aquilo, pois isso não me faria bem e no final das contas não mudaria nada. Abro a porta e antes de sair, sou logo, repreendida:

— Nossa, você demorou. - soltou Chris irritada.

— Hã... Estava organizando o meu quarto.

"Que desculpa idiota", penso.

Por sorte, eles não haviam ouvido a discussão. Não queria envolvê-los em meus problemas familiares. Bem, isso eles também já tinham de sobra. Não precisavam se preocupar com mais inconvenientes.

— Isso não importa - disse ela, retirando da mochila uma caixa carinhosamente embrulhada. — Surpresa! Feliz Aniversário!!

— Você não achou que a gente se esqueceria, achou? - disse Sedrik, revelando o que também estava escondendo atrás das costas.

Antes de pegar os presentes, agradeço os dois ao mesmo tempo com um forte abraço, apertando-os como deveriam ser apertados: até quase ambos ficarem sem ar.

— Obrigado, pessoal! - aviso ao soltá-los. — Vocês nem sabem o quanto isso significa. Nem sei como posso agradecer.

Sedrik parecia procurar as palavras.

— Jayne... Não precisa agradecer. Só queremos dizer que... que nós nos importamos com você. Sabe que sempre pode contar com a gente, não sabe?

— Com quais outros amigos, contaria?

Juntos rimos.

— Eita merda, já está quase na hora! - avisou Chris. — Rápido, temos que ir agora ou chegaremos após o primeiro sinal. E isso não seria nada bom.

— Não abra os presentes ainda - disse Sedrik, evitando que eu logo ali os abrisse. — Dessa vez, você terá que guardar toda a emoção para depois.

— O que é? O que tem nas caixas? - pergunto.

— Surpresa é surpresa - insiste ele, misterioso. — Vamos, antes que a Diretora arranque as nossas cabeças!

Eu concordo.

Seguimos então a pé até o Colégio, o nosso pequeno fardo diário. Chris me contava como estava indo o seu namoro com Alex. Um garoto rico e bastante popular, porém, indisciplinado e nada simpático, pouco menos legal. Não entendia como ela gostava desse tipo de garoto.

— Ele é tão perfeito... - suspirou ela, alucinada. — Se o conhecesse melhor também concordaria comigo.

Minha testa me entrega ao ouvir aquilo. *Não existe ninguém assim tão perfeito.* Deduzo logo que Chris apenas sofre de paixonite aguda. Todavia, no caso dela, já havia atingido o estado terminal, *ou quase*.

— Sério? - respondo sem animação nenhuma. — Não acha que está exagerando? Você ainda nem o conhece assim tão direito. Vocês nem possuem os mesmos gostos.

— Obrigada, Jayne! - resmungou ela. — Você acaba de entrar para a lista seleta de pessoas que não aprovaram o meu mais recente relacionamento.

— Não disse que não aprovo.

— Isso dá no mesmo! Sedrik, - chamou ela, insistente, fazendo-o retirar os fones de ouvido. — O que acha de mim e Alex?

— Ah.. Eu não sei. É difícil dizer. - admitiu ele.

— Vocês dois combinaram algo? - questionou ela, chocada. — Só podem estar curtindo comigo.

— Não, não estamos. – falamos juntos, de uma só vez.

Nós nos entre olhamos com surpresa. Nada havia sido combinado, mas Chris nem parecia ligar muito para nossa opinião. Ou melhor, faria tudo do mesmo jeito e continuaria saindo com ele.

— Quer saber - disse ela observando Alex perto do pátio. —, não vamos discutir por isso. Vocês não entendem o que eu sinto por ele. Até mais tarde.

— Espere... – chamo, inutilmente, enquanto Chris continua descendo a escadaria até a entrada do Colégio.

— Sabe como ela é - brincou Sedrik. — Quando coloca uma coisa na cabeça, ninguém consegue fazê-la mudar de opinião.

Observo os dois se abraçando e seguirem juntos pelo pátio. Alex me dava nojo, mesmo que ele nunca tivesse feito nada contra mim ou meus amigos antes. Resolvo logo ignorá-los e seguir o dia como sempre fazia, se ele fosse mesmo um cara bom, não me deixaria perceber nada de errado ou estranho.

— Vem! - digo. — Não quero levar uma bronca no final da minha última semana de provas. E você, quer?

— Uma a mais, outra a menos, tanto faz. - riu ele.

— Engraçadinho. - solto, puxando-o comigo.

Atravessamos o corredor cheio até a sala, faltavam apenas cinco minutos e eu não estava a fim de ficar do lado de fora. Ao chegar na sala, fui recebida pelo sorriso caçador de Alisson Miller e suas amigas, Clara Davis e Kate Mitchell, as patricinhas da Instituição. Todas sempre com roupas extremamente curtas, bolsas caras e sapatos de luxo da marca mais cara possível.

Como se tudo isso as fizessem bem melhores que todo mundo.

— Vejo que está prontinha para seduzi-lo - soltou Alisson, venenosa. — Com as férias chegando, aposto que já planejou tudo. A garota mais sensata daqui, certamente não é você.

— Pouco menos você. Deseja dizer algo mais? – pergunto, ignorando seu tom.

— São tantas as coisas, queridinha, que eu não perco o meu tempo em dizer. Se quiser eu faço uma lista. Quem sabe assim você não se lembre bem dela.

Sedrik se aproxima de mim.

— Deixem Jayne em paz! Vocês querem mesmo serem suspensas de novo? Vocês certamente não se tocam, como podem agir assim todo o tempo com todo mundo?

— Own... Veja Alisson, o protetor chegou! - insinuou Kate.

— Que piada! Não passa de um fantoche nas mãos dela, bonitinho. - disse Clara, apertando a bochecha dele.

Fico vermelha de raiva, mas aproveito que Sedrik está ao meu lado para dar o troco que elas insistem tanto em levar. Não ficaria por baixo, não no meu aniversário.

— Sedrik sabe em quem confiar – dou-lhe um abraço singelo, mas suficiente para Alisson se roer de ciúmes. — Diferente de vocês, ele sabe escolher bem.

— Ora, sua va... - resmungou Alisson, mas antes que ela prosseguisse bufando de raiva, Chris aparece completando o nosso grupo e a enfrenta.

— De novo isso?! – disse ela. — Vocês três não se cansam, não? Precisam sempre mesmo criar confusão?

Chris era mais agressiva, não tinha medo de dizer o que queria. Já eu, queria revidar, contudo, não queria criar motivos para ser expulsa. Minha mãe não merecia isso, ainda mais pagando todas aquelas parcelas tão caras anualmente. Não tinha outra saída ao não ser aguentá-las, dia após dia.

Antes que uma confusão logo se iniciasse, o Professor chegou na sala acompanhado de Úrsula, a antiga Diretora da instituição. Petterson não era muito alto, era meio careca e razinza. As vezes para impor respeito, ele berrava e mantinha o quadro sempre cheio. Já Úrsula, era uma "bomba viva ambulante", era sempre difícil prever quando ela explodiria.

Ver aquela sua cara de fuinha azeda com aqueles trajes pretos apertados, que destacavam seu peso de baleia, certamente assustariam qualquer um.

Assim, apenas fingimos que nada tinha acontecido e como os outros, seguimos em silêncio para as nossas carteiras. Antes de distribuir as provas, Petterson passou a palavra para que Úrsula, então finalmente falasse:

— Queridos Alunos, como provavelmente sabem, este é o último dia de Petterson aqui, conosco. Peço que compreendam a sua decisão e que o recebam bem, já que ele não estará mais na ativa após se aposentar. Uma perda trágica para essa renomada instituição e para todos os alunos, certamente. Ainda assim, venho lembrá-los que, qualquer tentativa de cola será punida rigorosamente. Se vocês acham que não estão sendo observados, estão prestes a cometer um grande erro. No entanto, eu não os desencorajarei que façam isso. Estarei à espera de cada um aqui, em meu gabinete, para que sejam corrigidos da pior maneira possível existente. Obrigada pela atenção de todos, professor... – disse ela pouco antes de se retirar da sala.

Com isso, todos puderam respirar mais aliviados. Até mesmo Petterson não gostava nada da megera, aliás, ninguém gostava. Conseguir respeito pelo medo era fácil, o difícil era manter a ordem quando ela virava as costas.

— Ótimo, vamos as provas! - disse o professor. — Primeiro, gostaria de mudar algumas pessoas de lugar. E antes que reclamem, a prova será de dupla - A turma toda vibrou em festa. — Porém, eu escolherei os parceiros de cada um aqui.

A confusão se instalou instantaneamente na sala.

— Fala sério! - disse Tyler, o garoto sentado atrás de mim. — Estamos todos ferrados. Nem em seu último dia, esse merda de Professor facilita.

— Deve estar querendo infernizar a nossa vida um pouco mais - avisou Cleo, sentada na segunda fila.

— Só não quero fazer a prova com quem não gosto. - disse Faye, na frente, perto de Alex e Alisson.

Particularmente, eu gostava do Prof. Petterson. Mesmo ele sendo velho e severo em algumas coisas, era o único dos professores que não me dava sono. Sentiria muita falta dele, e mesmo que a Diretora dissesse que era uma escolha pessoal dele, de se retirar, eu não acreditava. Úrsula era uma víbora perigosa que ainda trocava de pele, e que certamente, queria piorar ainda mais as coisas para todos os alunos.

— Silêncio!! - gritou ele.

Todos se aquietaram. O Professor começou então a trocar todo mundo de lugar, isso era um verdadeiro pesadelo para qualquer estudante.

— Sedrik Robinson, você fará a prova com Faye Lewis - Sedrik parecia aliviado. Contando, quem ele poderia ter pegado, Faye não era uma pessoa totalmente chata ou insuportável.

Prosseguiu ele com as duplas.

— Clara Davis e Kate Mitchell, - "Que ótimo, duas idiotas fazendo junto", disse a mim mesma. — Max Thomas e Liam Clark, Tyler Rodriguez e Cleo Roberts, Alexander Pierce e Christal Brunner - "Chris certamente não tem do que reclamar", penso. Continuou ele. — Kiran Howell e Kurt Wibberllan, Jayne Darhmer - Ao ouvir o meu nome fico apreensiva. —... e Alisson Miller.

— O quê?! - dissemos em uníssono.

— Professor - digo, ainda tentando digerir aquilo. —, não tem como eu trocar de par com outra pessoa? Pelo menos só dessa vez?

— Infelizmente não - falou ele, seco. — Isso servirá para ensiná-los a serem mais unidos uns com os outros, e a cooperarem. Essa é a lição que pretendo deixar para todos vocês.

— E se recusássemos em fazer a prova juntas? - Alisson interveio.

— Se recusarem, as duas ficarão sem nota.

Sinto o meu apreço por Petterson diminuir naquele momento, drasticamente. Quanto assunto a turma teria depois daquilo? Eu nem queria imaginar! Então, apenas concordo, deixando Alisson ficar do meu lado.

Petterson continuou formando as duplas ao fundo de nós.

— Não pense que isso muda alguma coisa - murmurou ela. — Ainda continuo não gostando de você.

— Também digo o mesmo - eu falo, inflexível. — Agora, que tal deixar a nossa rivalidade de lado e se concentrar na prova? Apenas pense na nota.

— No que mais eu pensaria? - disse ela baixinho. — Em você? Essa é boa! Não me faça rir!

— Eu não sei. Você pensa em mais alguma coisa, exceto em seu cabelo, suas roupas e em mim?

— Em muitas coisas, mas se você não sabe, não sou eu que vou dizer. O que você tinha dito mesmo? Apenas se concentre na prova? - Alisson virou seu rosto para ler uma questão.

— Ótimo! - suspiro otimista ao conseguir responder sozinha uma das questões mais difíceis. — Terminamos a primeira, agora só faltam apenas dezenove.

— Não diga!? - exclamou ela.

"Eu mereço."

● ● ●

Depois de uma prova insuportável, todos voltaram aos seus respectivos lugares. O professor Petterson se despediu de nós e disse que informaria a nota de todo mundo no portal do aluno, como todos sempre faziam.

As próximas provas eram de Química e Física, e dessa vez, quem aplicaria as duas provas era o professor Norman. Kayla, a professora de Química, estava de licença maternidade, pela quinta vez.

Norman era alto, tinha um cabelo preto grande - amarrado com um rabo de cavalo. Ele usava óculos e vestia uma camiseta preta de Albert Einstein, com aquela tradicional careta com língua de fora, escrito os seguintes dizeres: ***"Como se apresentaria o mundo, se eu pudesse viajar em um raio de luz?"***.

Sendo sincera, mais da metade dos alunos achava que Norman era pirado. Talvez ele realmente fosse. Só um louco mesmo entenderia aquelas fórmulas e equações monstruosas sem enlouquecer.

Enfim, duas horas haviam se passado, muitos alunos já tinham ido embora mais cedo. Chris, Sedrik e eu, aproveitamos para dar uma volta até o centro de compras da cidade.

— É sério, gente! - reclamo. — Fazer aquela prova com a Alisson foi um verdadeiro pesadelo. Espero não receber um zero em breve.

— Esqueça isso, agora estamos de férias! - disse Chris, vibrante. — Lembre-se, você tem que escolher a roupa certa para hoje à noite.

Atravessamos a faixa de pedestres para a outra rua.

— Sedrik? - chamei ao vê-lo ficando para trás.

Ele estava distraído com o celular.

— Me desculpem - avisou Sedrik, concentrado. — Tenho que ir, problemas com meu pai. Vejo vocês no início da noite, na festa!

Antes que eu pudesse fazê-lo esperar, ele sai correndo, apressado. Lenn, seu pai, era viúvo e tinha problemas sérios com a bebida. Sedrik sempre havia morado com a mãe, Erin, mas ela morrera em um acidente de carro há dez anos atrás. Desde o incidente, ele cuidava e evitava que seu pai se metesse em maiores encrencas.

— Lenn, deve ter aparecido. - murmurou Chris.

— Como assim? – eu quis saber.

Ela me encarou totalmente surpresa.

— Você não sabia? - prosseguiu ela. — Todo o bairro estava preocupado. Lenn, sumiu por mais de uma semana. Pensei que Sedrik houvesse lhe contado tudo.

— Não, ele não me disse nada.

— Talvez não quisesse preocupá-la. – sugeriu ela, tecando no celular.

— Pode ser, mas isso ainda não faz sentido.

Sedrik ultimamente estava muito calado, distante, com o semblante preocupado e triste. Então era esse o motivo. Por isso que ele quase não puxava assunto e vivia com aqueles fones barulhentos nos ouvidos. Tínhamos que ter uma conversa séria sobre isso em algum momento.

Já estávamos próximas do Shopping, quando uma voz familiar cortou a nossa conversa perto do setor principal de compras. Era só isso que faltava para “melhorar” ainda mais o meu dia.

— Ei, garotas! - chamou Alex de dentro de uma Lamborghini vermelha. — Querem dar uma volta?

— Alex?! - protestou Chris, super impressionada. — Onde você conseguiu esse carro perfeitamente magnífico?

— Ganhei do meu pai - disse ele, se exibindo, como sempre. — É uma belezinha, não é mesmo? Andem, vamos dar uma volta!

— Alex, você acabou de completar 16 anos. E ainda não tem carteira para poder dirigir. - falo.

— Isso não importa. - disse ele em tom esnobe.

— Vamos amiga - disse Chris, seduzida por aquela oportunidade única. —, será só um passeio rápido, logo retornaremos, eu prometo!

— Não vai rolar - recuso aquele maravilhoso convite. — Tenho que comprar algumas coisas antes de ter que voltar e ajudar minha mãe com tudo.

— Entre - insistiu ele. — Eu te dou uma carona.

Não, eu não podia aceitar aquilo. Alex era um completo idiota, irresponsável e maluco. Por mais endinheirado e atraente que fosse, o seu caráter não era nada bom. Não arriscaria a minha vida com esse tipo de pessoa problemática ao volante.

— Obrigada Alex, mas já estou bem perto – insisto. — Chris, eu tenho que ir. Tome cuidado, está bem?

— Tudo bem então, eu te ligo mais tarde. - disse ela pouco antes de entrar dentro do veículo. O carro arrancou e ela acenou dando tchau, gritando enlouquecida enquanto o carro sumia de vista.

"Que ótimo, deixada sozinha pelos meus melhores amigos."

● ● ●

Entro no Westfield Mall, um dos incontáveis Shoppings de Los Angeles e procuro por uma roupa bacana para usar na festa. Mas tudo era muito caro. Acima de cem, duzentos, trezentos dólares. A última vez que eu tinha entrado naquele mesmo lugar, as coisas estavam muito mais em conta.

Desanimada, observo tudo enquanto a escada rolante ainda sobe comigo. Já estava pensando em visitar um bazar e procurar algo mais barato com os meus cinquenta dólares. Contudo, quando chego ao segundo andar, noto que um homem

havia deixado cair algo no chão. Era uma carteira. Apesar de não haver documentos, havia muito dinheiro dentro dela.

Corro atrás dele, do homem de sobretudo preto, mas quando ele vira o corredor, perto do pátio de alimentação, ele desaparece. O procuro ainda em todo o andar, verifico cada loja com a esperança que ele tivesse entrado em alguma delas. Mas nada, não havia nenhum sinal dele.

Dentro da carteira havia também um pedaço de papel. Nele estava escrito apenas: "Cuidado!" Primeiro acho estranho, seria para mim o recado? Deduzo que não. Como poderia? Ele não me conhecia.

Não havia documentos, cartão de crédito, quanto menos telefone. Eu daria um jeito de devolver a grana. Contudo, era praticamente impossível sem nenhuma pista de quem ele era ou endereço. Enfim, conto o dinheiro, no total eram mil e duzentos dólares. Decido ficar com tudo, mesmo ainda sentindo culpa de usar algo que não era meu.

Apesar disso, usaria o dinheiro com consciência. Tiro mais da metade para ajudar a minha mãe com as contas e separo uma pequena parte para gastar comigo mesma. Entro em uma das lojas e compro um conjunto que me chama a atenção. Uma linda jaqueta de couro preta, uma camiseta vermelha básica, leve e flexível. Uma calça jeans escura, com detalhes metalizados e um tênis branco, hiper descolado.

Guardo o uniforme na mochila e daí percebo que não havia aberto os presentes ainda. Me aproximo de um dos bancos disponíveis e começo a desembulhá-los. Chris havia me dado um lindo pingente dourado, com a letra "J" cravada nele. Já Sedrik, um CD de Rock com músicas românticas e reflexivas, confiro toda a *track list* do álbum, entusiasmada. Não gostava tanto assim de Rock, mas nunca recusaria um bom e belo presente, ainda mais dado por um amigo.

Sedrik não desistia mesmo. Para mim, era complicado enxergá-lo de outra maneira, se não como só um amigo. Eu não queria forçar os meus sentimentos. Não

queria fazer algo que não tinha a intenção de fazer. Enquanto guardava os presentes na bolsa, fui surpreendida pelo toque do meu celular, era Chris.

— Oi - disse ao atender. —, como foi o passeio?

— Jayne, foi ótimo! - disse ela, eufórica. — Você perdeu por implicância. Foi muito radical, Alex fez manobras de tirar o fôlego.

— Nossa, que legal! - falei, fingindo algum interesse.

"Como pensei, além de idiota ele era louco. "

— Sedrik, alguma notícia dele? - pergunto. — Ele ligou para você?

— Não, ainda não. - respondeu ela. — Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Não, só estou preocupada - admito. — Estou no Shopping, comprei algumas roupas e estranhei por ele ainda não ter me ligado. Liga para ele por mim, por favor. Não tenho o novo número dele.

— Pode deixar. Você já abriu os presentes?

— Acabei de abrir, eu amei! - Agradeço novamente. — Pede para Sedrik me ligar, ok? Quero saber como está o pai dele.

— Tudo bem.

Quando estava prestes a desligar, percebo Alex passando por um dos corredores. Ele estava estranho e parecia ter pressa. Resolvo perguntar sobre ele, sobre o que Alex havia dito que iria fazer.

— E Alex, ele está com você? – disfarço.

— Não. Ele me disse que ia voltar para casa. Por quê?

— Apenas curiosidade - eu minto. — Amiga, te ligo mais tarde. Preciso ir até a antiquário, até depois.

— Beijos, tchau!

Discretamente, começo a segui-lo. Alex vai até uma lanchonete e encontra uma garota, provavelmente ela já esperava por ele há muito tempo. A garota era ruiva

e tinha a pele clara, aparentava ser um ano mais nova do que ele. Os dois se cumprimentam e então logo se beijam, como bons namorados fazem. Enquanto eles conversam, pego o meu celular e começo a tirar algumas fotos.

Chris precisava saber disso.

Depois de alguns minutos, os dois vão até o térreo e de lá, pegam juntos o elevador até a garagem no subsolo. Espero o elevador retornar e desço também, me escondendo atrás de alguns carros. Logo, percebo que Alex a leva para um local escuro, aos beijos com ela, levando-a para longe da multidão e de onde realmente estava o seu carro.

— Você não sabe o quanto esperei por isso - disse ele, segurando firmemente a cintura dela. — Espero que esteja se divertindo muito nessa tarde. Você é tão bonita e cheirosa.

Ela sorriu, e agarrou ainda mais o pescoço dele para beijá-lo.

— Seu bobo, aposto que você diz isso para todas. Não estou com você por causa de dinheiro, mas sim, porque gosto de você. - avisou ela, dando-lhe outro beijo demorado.

Me aproximo devagar e tiro mais algumas fotos. Porém, a cena completamente muda. Alex golpeia a barriga da garota com um bastão que atravessa o seu corpo sem piedade. Eu observo aquilo com espanto, querendo gritar, mas sabia que se ele me notasse ali, me mataria do mesmo jeito ou faria pior.

Apesar do pânico crescente dentro de mim, continuo observando os dois sem ser descoberta.

— A-ahh... Então você é um deles! - soltou ela, já sem forças e com a boca cheia de sangue. — C-como você me descobriu?

— Um pouco tarde demais para perguntas, você não acha? - sorriu ele, limpando o sangue dela que escorria do rosto dele.

Com um tranco, ele gira o bastão dentro dela, fazendo uma luz branca abandonar o seu corpo. Percebo que aquilo então é a alma da garota. E logo, com um objeto estranho, com uma espécie de medalhão, ele absorve a alma da jovem, deixando o seu corpo pálido e frio, abandonado.

Permaneço escondida atrás do carro, horrorizada. Nunca havia me arrependido tanto de ver alguma coisa, como havia visto aquilo. Em pânico, me preparo para fugir dali, porém, o meu celular toca chamando a atenção dele.

"Droga! Maldito celular!" Rapidamente, o desligo, mas já era tarde. Alex já vinha na direção do carro que eu me mantinha escondida.

Tento me levantar, no entanto, minhas pernas não me obedecem. Eu estava tremendo demais, estava morrendo de medo. O meu coração batia acelerado cada vez mais. A cada passo, ele estava cada vez mais próximo de mim.

Quando finalmente acho que o meu fim havia chegado, um homem aparece junto de um forte clarão de luz. Sem dizer nada, ele pega dois revólveres prateados e longos dos bolsos e começa a disparar contra Alex; que trata logo de desviar de todos os seus tiros. Noto que ele era o mesmo cara que havia perdido a carteira cheia de dinheiro, pois usava o mesmo sobretudo preto e velho de antes. Ele era alto, tinha a pele clara e belos cabelos castanhos escuros, porém, estes eram bem curtos. Depressa, ele desviava no ar de todas as investidas de Alex. Com um forte chute, Alex foi arremessado para longe; amassando três dos vários carros estacionados. Bastante ferido e acuado, ele desaparece em uma nuvem de fumaça preta. Frustrado, o homem guarda as armas e se aproxima do corpo frio da jovem. Ele se agacha e verifica o seu pulso, e percebendo que não podia fazer mais nada por ela, ele fica desapontado e também desaparece, só que em uma faiscante luz brilhante. Aproveito que os dois haviam finalmente ido embora e corro, corro o mais rápido possível querendo esquecer o que terrivelmente havia presenciado.

— CAPÍTULO DOIS —

Refúgio Impuro

Apesar de nervosa, tento ficar calma. Tento agir como se nada houvesse acontecido, seguindo o meu caminho normalmente até o antiquário. No entanto, eu não conseguia tirar aquela cena terrível da minha cabeça. Será que eu estava ficando louca? Não, aquilo era bem real! Tinha certeza do que havia visto e isso não poderia ser uma alucinação ou coisa do tipo. Cruzo a rua, chegando na praça central da cidade e decido parar por um momento. Estava perto da quadra da loja, só que antes, precisava alertar Chris sobre Alex de alguma forma. Se ele era mesmo um assassino, era só uma questão de tempo até que ela, também corresse algum perigo. Porém, se eu contasse sobre tudo o que eu havia visto, Chris não acreditaria. Pego então o meu celular e envio as fotos do encontro, dos beijos dele com a garota, avisando que Alex estava a traindo na cara dura.

— Pronto! Espero que isso seja suficiente.

Poucos minutos depois, Chris retorna desesperada e aos prantos. Era terrível fazer isso com ela, mas futuramente Chris me agradeceria por livrá-la de um psicopata.

— Então era isso, por isso perguntou sobre ele... – disse ela chorosa. — Você os viu juntos!

Chris parecia quebrar o quarto.

— Chris, tente ficar calma. – prossigo, mesmo sabendo que era inútil conversar com ela naquele estado. — Isto é muito sério. Apenas me escute!

— Diga, Jayne! - pediu ela, nervosa. — O que mais eu deva saber?

Continuo falando, mesmo com o barulho de tudo sendo quebrado no quarto ao fundo da linha. Como era difícil colocar juízo na cabeça dela.

— Não importa o que aconteça, não o procure mais. Se Alex te visitar, não o deixe entrar e muito menos saia com ele.

Chris aquietou-se.

— Hein? Jayne, você está me assustando...

— É para ficar assustada mesmo, Chris, o que está acontecendo é muito grave! Fique longe dele!

Antes que eu pudesse continuar, percebo que o cara de sobretudo preto estava perto de uma das árvores. Parecia me observar com grande curiosidade.

— Apenas faça o que eu digo. – insisto, mesmo com medo e de certa forma paralisada, pensando bem o que fazer.

— Sua voz está estranha. – disse ela. — Está tudo bem?

Me levanto do banco, de forma discreta, e continuo andando normalmente. Entretanto, sem sombras de dúvidas, aquele cara estava mesmo me seguindo.

— Não. Alguém está me perseguindo. Escute, me encontre na loja em meia hora, se dentro desse prazo eu não tiver aparecido, chame a polícia.

— O quê? Ai meu Deus! – exclamou ela.

Enquanto atravessava a ponte do lago, me viro e percebo que ele havia desaparecido novamente.

— Chris, parece que tudo já passou. – A tranquilizo. — Não precisa mais se preocupar...

Ao me virar de frente, de volta para o resto do caminho, dou de cara com ele com um esbarrão. Com o susto, deixo o meu celular cair dentro d'água, no lago. “*Droga!*” Ameaço gritar, mas o homem continua se aproximando mais e mais de mim.

— Quem é você? O que quer? – pergunto, sem saber o que fazer. Ao mesmo tempo que eu queria correr, eu queria confrontá-lo e descobrir o que estava

acontecendo. De alguma forma, eu sabia que ele havia tentado salvar aquela garota. Talvez não fosse assim me machucar.

— Você cresceu, Jayne! – disse ele, ao aproximar-se. De alguma forma, o seu sobretudo desaparece sobre meus olhos. Custa a acreditar no que vejo. Agora ele estava com uma roupa totalmente branca e leve. Afinal, o dia era quente, fazia 34° graus. — Eu não lhe avisei para tomar cuidado!?

A expressão em seu rosto era séria, mesmo para alguém que mantinha uma barba grande, ainda por fazer e repleta de falhas. Ele aparentava ter uns trinta e poucos anos, e seus traços, pelo menos para mim, pareciam bem familiares.

— Ei! - eu digo. — Como sabe o meu nome?

Ele me fitava.

— Como sei? Ora bolas, meu Deus, - ele sorriu. — Sou o seu Anjo-protetor, Jayne! Sou Aranmy Heartti, sou seu pai!

Espero um segundo, mas não consigo absorver aquela informação toda de uma vez só.

— “Anjo-Protetor? Meu pai?” Isso é algum tipo de truque? – digo, mesmo sentindo lá no fundo que ele poderia estar falando a verdade. — Não, isso não é verdade! Você deve estar tentando me enganar! Você é um completo desconhecido para mim.

— Talvez tenha razão. – soltou ele infeliz. — Eu nunca estive presente. Como posso obrigá-la a se lembrar de mim!? Talvez eu tenha exagerado demais por um dia. Não deveria ter te assustado.

Aran preparou-se para ir embora. Mas depois de tudo que eu havia visto, não poderia deixá-lo ir. Poderia?

— Espere... – falo, mesmo relutante. Ele se vira e me encara, prestando bem atenção em mim. — Prove que o que está me dizendo é mesmo verdade.

Meus olhos encontraram ferozmente os dele.

— Ótimo! – prosseguiu Aran, contente. — Só que antes, precisamos sair daqui. Esse lugar não é mais seguro e “eles” podem estar por perto, nos vigiando.

Meu corpo tremeu por inteiro.

— “Eles” quem? – pergunto, mas não obtenho uma resposta imediata.

Aran estala os dedos e num piscar de olhos, já não estávamos mais no Park. Logo, percebo que estou em um enorme quarto branco. Nele, não havia portas, nem móveis, nem lâmpadas, nem nada. Contudo, o cômodo mesmo vazio, permanecia bem claro de alguma maneira.

— Onde estamos? – insisto saber, mesmo ainda um pouco atordoada. Eu não consigo parar de tossir e os meus braços formigam, porém, sinto-me mais leve, como jamais estive. — Que lugar é este?

— Ops! Acho que exagerei demais usando o Teletransporte Celestial com você. Mas não se preocupe, esses sintomas são passageiros. – disse ele, aparentemente sem graça. — Este é o lugar que venho quando quero meditar, quando preciso ficar um pouco sozinho. O importante é que aqui, podemos conversar a sós e em segurança.

Aran prosseguiu.

— Você me pediu provas, não é mesmo?

Observo nas paredes cenas do meu passado em que ele, de alguma forma, estava sempre presente. Ora, transformado em jardineiro cuidando das plantas perto da minha casa. Ora, como uma doce velhinha que visitava o antiquário quando podia. Eram tantos os seus disfarces. Todavia, o que me impressionou mesmo, foi o último disfarce usado por ele: o de Professor Norman.

— Então, todo esse tempo... – limpo as lágrimas dos olhos. — Pai, por que você fez tudo isso? Por quê?

Aran olhou para mim, cauteloso.

— Eu não sou humano, Jayne. Sou um Anjo! – disse ele. — Diferente do que muitos pensam, nós realmente existimos e não ficamos flutuando pelas nuvens com harpas e cantando. Combatemos forças sombrias, Jayne, e eu não queria arriscar a vida de vocês. Por isso, os disfarces, eu precisava ficar por perto, para ter a certeza de que as duas ainda ficariam bem.

Era difícil acreditar em tudo isso. Contudo, agora eu entendia completamente os motivos que levaram a minha mãe a um infinito silêncio. Ela temia por mim e por nossa segurança, e por isso, talvez tivesse feito mesmo o melhor. E quanto a ele, bem, eu ainda não havia o perdoado. Mas talvez aquilo fosse, de certa forma, um bom recomeço para nós.

— Me proteger do quê?

Ele agarra a manga da minha roupa, aflito, e posso sentir o tamanho do seu nervosismo e sua preocupação.

— Filha... – advertiu ele, procurando bem as palavras. — Você não é uma jovem comum, aquela garota no estacionamento também não era, sabia!? Jayne, você é uma Impura!

— Eu sou o quê? – respondo-o, confusa. Não fazia a mínima ideia do que isso significava, mas sabia que isso talvez não fosse tão bom para a minha proteção.

Ele sorri.

— Você é metade anjo. – disse ele com orgulho, mas ainda receoso por não saber se o que estava fazendo era certo ou não. — Jayne, não confie em ninguém, exceto em sua mãe e em seus amigos. Procure ficar sempre perto deles e não se afaste da luz. Tome! – ele me diz, entregando-me um anel branco, com detalhes dourados nas bordas, e com uma bela e chamativa pedra transparente na ponta. — Isso é para você, Feliz Aniversário!

Balanço repetitivamente a cabeça.

— Não, eu não posso aceitar.

— Sei que nenhum presente pode substituir a ausência deixada por mim todos esses anos, mas por favor, aceite! – insistiu Aran, quase implorando. — Isto a manterá segura da maioria das criaturas sombrias, monstros e demônios.

Eu aceito, mas demoro alguns segundos para lhe dizer qualquer coisa. Na verdade, nem sabia como um anjo deveria ser agradecido.

— Obrigada! – respondo, tentando criar alguma coisa realmente real e verdadeira entre a gente. — Eu sempre quis te conhecer, pai! Você era tudo o que faltava para mim.

Apenas nos abraçamos. Entretanto, para mim, aquilo era muito mais do que apenas um abraço. Era a realização de um desejo desesperado do meu coração.

— Filha, agora eu tenho que ir – murmurou ele, afastando-se. — Diferente de vocês, o tempo dos anjos por aqui, é bem limitado.

Eu o avisto se preparar para algo, ainda apreensiva.

— Quando poderei vê-lo novamente?

— Eu não sei... Recebi ordens dos meus superiores, vou ficar uma semana fora, mas espero que seja logo. – Ele não tirava os olhos do relógio brilhante e estranho, fixo em seu braço direito. — Desculpe, Jayne, infelizmente é hora de voltar.

Num estalar de dedos, vou parar dentro do Antiquário. Como se meu pai soubesse para onde eu estava indo, afinal. Minha mãe arrumava os fundos da loja, distraída, limpando as estantes.

Naquele momento, Chris e Sedrik entram na loja e ao me notarem, são e salva, eles se aproximam de mim ainda tensos.

— Jayne, você quase me mata de preocupação! – disse Chris, após tanto correr para só então chegar ali. — Eu quase chamei a polícia... Mais um pouco, e eu teria que contar tudo para sua mãe. Nossa, que roupas são essas!?

— Não são nada. Ainda bem que você não fez nada que eu lhe disse para fazer – lhe digo, notando que Sedrik parecia bem zangado. — Agora está tudo bem.

Ele me repreende.

— Você some por vários minutos e agora só nos diz isso!? Quer matar a gente do coração? – disse ele. — A gente tentou ligar para você inúmeras vezes, mas não dava em nada.

— Desculpem, o meu celular caiu no lago, ele já era. – esclareço logo. — Depois eu explico tudo, agora, vocês precisam me ajudar aqui.

— Jayne!? – chamou Laura. — Filha, é você? Nem vi você chegando... – Ela surgiu rápido, sem aviso, e ficou bastante surpresa em me ver usando roupas novas. — Você está tão você mesma que eu nem sei por que ainda me surpreendo com isso.

— Gostou!? – dei uma volta, mostrando todos os detalhes de cada peça. — Foram eles que me deram de presente. Eu disse que não deveriam exagerar, mas você sabe como os dois são.

Ambos sorriram.

— OWW, vocês dois como sempre tão gentis. – soltou ela, ocupada, tirando alguns vasos pesados do lugar. — Ah, já estou ficando muito velha para esse tipo de serviço. Talvez eu devesse contratar mais alguém.

Eu me aproximo rápido para ajudá-la.

— Mãe, você já pode ir embora. – digo, tentando convencê-la a chegar mais cedo em casa. — Pode deixar que eu fecho a loja, você precisa voltar para organizar a festa, ou se esqueceu?

— Tem certeza, filha!? Não quero que se esforce demais hoje.

— Absoluta! – eu teimo. — Depois eu vou. Tudo por aqui ficará bem.

— Iremos ajudá-la no que for preciso, Senhora Darhmer. – exclamou Chris.

— É, vamos ser bem rápidos com tudo aqui. – disse Sedrik.

— O.K. Vocês três são bem responsáveis e sabem mesmo como cuidar de tudo. Qualquer coisa, qualquer tipo de urgência, não hesitem em me ligar.

Laura pega as suas coisas e vai em direção a porta. Já passava quase das 16:30 e como queria aproveitar bem o tempo que tinha, minha mãe não quis ir para casa de metrô, como sempre fazia, mas sim, dessa vez de Uber. Quando realmente ela vai embora, eu fecho tudo, e chamo Sedrik e Chris para cima. Finalmente, poderia ter aquela conversar com eles sem o risco de sermos incomodados.

● ● ●

Primeiro, aproveito para contar sobre o ocorrido no Shopping. Como já era esperado, Chris não reagiu bem as notícias. Ficou nervosa, mas a impeço de quebrar qualquer coisa da loja. Diferentemente de antes, ela enfim concorda em se afastar de Alex. Sedrik permanece ao meu lado, calado, só me ouvindo. Talvez achasse que eu estivesse ficado mesmo louca. E quando conto então sobre o meu pai e sobre mim, os dois custam a acreditar.

Os olhos de Chris se arregalaram.

— Tem certeza disso? – perguntou ela.

— É Jayne, talvez tudo tenha sido apenas um sonho. – ele sugere. — Não existe isso de Teletransporte Celestial, existe?

Eu suspiro.

— Sim, e isso não foi um delírio. – disse, revelando a joia em minha mão. — Foi presente dele. Mas creio, que não seja apenas um anel comum. Ele disse que isso me protegeria.

Chris examinou-o com cuidado.

— Não vejo nada de diferente. Para mim, parece apenas um anel comum. — Ela então o devolve a mim. — No entanto, já que ele disse isso, é melhor que o use.

Experimento-o então, mas nada de estranho acontece como Sedrik e Chris ansiosamente esperavam. Decido, enfim, organizar tudo para ir embora. Chris fechava as janelas do andar de cima, enquanto Sedrik me ajudava organizando tudo que estava espalhado ou fora do lugar, pelas altas estantes de livros.

Eu estava calada, um tanto pensativa, fazendo tudo no automático como se não estivesse ali. Sedrik então me faz recobrar a consciência com sua pergunta:

— Resumindo, - disse ele ao me passar alguns livros, enquanto eu me equilibrava em cima da escada; colocando cada um, em seu devido lugar de origem. — Anjos e Demônios existem. E estão há milênios se enfrentando pelo domínio do mundo, sem quer que notemos?

— Sim, basicamente é isso. - o respondo. — Aliás, se sou mesmo uma Impura, metade anjo, não acho que eu seja a única. A garota do Shopping também era, provavelmente devem existir outros pela cidade ou por aí. Mas, eu não tenho certeza. — Um dos pés da escada se quebra, fazendo-me desequilibrar, mas Sedrik me pega no colo antes que eu vá com a cara direto no chão. A gente se encara por um momento, mas Chris surge de perto da escada e nos pega ali, deixando-nos envergonhados.

— Estou atrapalhando alguma coisa? - perguntou ela, com um sorriso irônico. — Se quiserem, eu volto lá para cima e enrolo um pouco mais.

Completamente vermelha, me recupero do susto rápido. Sedrik também tenta agir normalmente, como se nada tivesse acontecido.

— Não, não... é que... - Eu gaguejava, mal conseguia formar uma palavra direito. Eu até parecia uma idiota com problemas de dicção.

— A escada quebrou e eu apenas a ajudei. - completou Sedrik, ignorando também a situação. — Só foi isso!

— É, foi isso! – concordo.

— Relaxem aí. Estava só brincando com vocês. Vamos, ainda preciso me arrumar. Não quero me atrasar para essa grande festa.

Pago todas as contas vencidas e fecho a loja. Pago tudo em um caixa rápido pelo caminho, um total de R\$ 700 dólares. Coloco as contas pagas e o resto do dinheiro em um envelope. Se minha mãe podia me fazer uma surpresa, por que eu não? De lá, ainda seguimos pela rua conversando.

Sedrik contava como Lenn estava. Que o encontrou no hospital do outro lado da cidade, todo cheio de arranhões e hematomas e com um dos olhos bem roxo. E que o coma havia piorado e que ninguém sabia dizer ao certo por quanto tempo o seu estado poderia durar. Ele havia perguntado aos médicos sobre quem tinha o levado até lá e todos foram diretos ao confirmar que uma mulher loira o acompanhava. Sedrik tinha olhado todas as fichas, mas não havia encontrado nada — nem sequer o verdadeiro nome dessa tal mulher.

Infelizmente, nenhuma de nós duas podíamos fazer algo a respeito. De fato, era tudo muito estranho. Por que alguém não se identificaria? Isso eu não conseguia compreender. Tirando Lenn, Sedrik não tinha mais nenhum parente. Sua mãe estava morta e seu tio Billy, morava tão longe, que ele mal se preocupava de visitá-lo de vez em quando.

Chris também tinha problemas na família. Seus pais haviam morrido há cinco anos em um acidente de avião. Desde então, ela morava com a avó, Linda Brunner. Uma senhora baixinha, simpática, de cabelos dourados e bagunçados, e que adorava fazer tricô... até por demais.

Ao chegar em frente de casa, Chris e Sedrik se despedem de mim, pois logo mais voltaríamos do ponto que havíamos terminado com aquela conversa. Com toda certeza, Chris me colocaria para beber e dançar horrores naquela noite. Mesmo eu não

estando preparada o bastante para isso, pois eu certamente era horrível em qualquer tipo de dança. Bem, talvez as festas não fossem tão boas, se não pagássemos algum tipo de mico durante elas.

Limpo o tênis no tapete e abro a porta. Logo, seriam 18:00, e eu precisava me apressar, e correr.

Ao entrar, percebo que tudo já estava pronto. A sala estava impecavelmente organizada, o piso de madeira brilhava e uma faixa colorida com o meu nome enfeitava a parede. Na frente dela, estava a mesa, recheada de diferentes tipos de iguarias: brigadeiros, cupcakes, salgados e pequenos copinhos com mousse de maracujá. Minha sobremesa preferida.

Ao lado dela, em uma mesa menor, tinha bastante ponche de frutas, mas sem álcool. Balões vermelhos e brancos estavam por todo lado, até no corrimão da escada. O bolo estava no centro da sala, onde os enfeites ocupavam um espaço maior. Aquele bolo era grande e de chocolate e tinha uma frase escrita sobre a cobertura branca: *“Parabéns, meu pequeno anjo!”*

Era certo que minha mãe sabia sobre mim, de alguma forma. Tento não me importar, pego o envelope e o coloco dentro da gaveta do criado mudo. Subo as escadas até o meu quarto, coloco a mochila sobre a cama e vou tomar um banho. Depois de alguns minutos, já estava escolhendo a roupa. Visto uma blusa vermelha simples, mas bonita e a combino com a jaqueta, a calça jeans metalizada e uso o colar que Chris havia me dado de presente. Mantenho o anel firmemente em minha mão, como se meu pai estivesse presente comigo aquela noite. Pego uma das minhas sandálias, uma preta sem salto e me preparo para fazer o cabelo. Faço um charmoso penteado, deixando-o bem liso e com a franja levemente caída sobre o meu rosto. Nunca fui fã de maquiagem, mas decido que era hora de me arriscar usando o estojo que eu tinha guardado.

Quando desço as escadas, sou recebida por minha mãe que me olhava de boca aberta, da cabeça aos pés. Ela parecia não acreditar.

— Jayne, você está maravilhosa! – disse ela, me pedindo para parar no meio da escada enquanto tirava uma foto. — Sorria!

Obedeço ao seu pedido.

— Prontinho! – disse Laura, agitada. Ela parecia conferir tudo, cada detalhe, talvez porque quisesse que tudo fosse realmente perfeito.

— Mãe – a chamo. — Você não poderia abrir para mim a gaveta do criado mudo, por favor?

Laura abre a gaveta e fica surpresa ao ver o seu nome escrito naquele embrulho. Ela tenta adivinhar o que é, mas nunca iria adivinhar. Insisto então para que ela finalmente abrisse o pacote.

— Isto é... – exclamou ela pasma, com uma das mãos sobre a boca. — Filha... Como você conseguiu pagar tudo isso? E esse dinheiro?

— Economizei – digo, lhe dando um forte abraço, evitando que as lágrimas assim borrem a sua maquiagem. — Só achei que você também merecia um presente. Mãe, você tem sempre feito tanto por mim.

Emocionada, ela olha mais fixamente para mim.

— Querida, obrigada mesmo, de verdade. – disse ao me dar um beijo na testa. — Bom, melhor eu não chorar. Hoje é um dia de alegria, não é?

Ela sorri.

O relógio na parede marcava quase 19:00 horas. A campainha toca e começo a receber os primeiros convidados. Quando noto, a sala já havia sido tomada e o som já estava ligado quase no último volume. Minha mãe dançava sozinha, curtindo a música enquanto todos se serviam de ponche e conversavam. Praticamente, quase todo mundo da sala estava lá, exceto Alisson. O que particularmente eu achava

estranho, pois ela sempre dava um jeito de aparecer nas festas dos outros, de uma maneira ou de outra. Contudo, meus amigos ainda não haviam chegado. Apesar de muito preocupada, resolvo ter um pouco mais de paciência.

Infelizmente, Alex também tinha vindo a festa. O que eu deveria fazer? Acho melhor então agir normalmente e ficar bem esperta. Se eu o expulsasse, ele provavelmente começaria uma confusão e se eu contasse a verdade todos me chamariam de louca.

As duas opções não eram nada boas.

— Parabéns, Jayne! – disse ele. — E então, o que está achando de ficar um pouco mais madura hoje?

Por alguns segundos, penso ter visto seus olhos mudarem de forma. Pareciam mais escuros, maléficos e brilhantes, de um jeito que eu nunca havia reparado antes.

— É assustador... – Eu até tento ficar calma, mas resolvo que o melhor é logo sair dali. — Mas sei lá, talvez isso seja muito instrutivo. Com licença, tenho que ir até o meu quarto, essa música já me deu nos nervos. Divirta-se, experimente um pouco do ponche!

Subo a escada lentamente, apenas o observando de longe. Alex pega alguns salgadinhos e começa a dançar no meio de algumas garotas. Se elas também soubessem, se afastariam rapidamente dele, só por segurança. *“Droga, Jayne, pense! O que eu devo fazer agora?”*

Ao chegar no meu quarto, me deparo com um garoto estranho, calmamente sentado sobre minha cama. Ele tinha cabelos pretos e pele clara e usava uma roupa escura moderna, de couro, com alguns símbolos estranhos. Ao vê-lo ali, fico furiosa:

— Ei! Quem você pensa que é? Não pode subir aqui! O que veio fazer sozinho no meu quarto?

O garoto olha para a porta atrás de mim e ela se fecha, de uma só vez.

— Só vim para conversar. — avisa ele. — Espero não estar sendo inconveniente abordando você desse jeito, mas eu tinha que vir.

Aquilo não podia estar acontecendo novamente.

— Você também é um anjo?

— Impuro, sou igual a você – Ele se levanta e fica observando o movimento da rua pela janela. — Prometo que vou ser bem breve no que eu tenho a dizer.

— Tudo bem – lhe falo, mesmo não confiando muito nele. — Mas não posso demorar. Caso não tenha percebido, estou no meio de uma festa.

— Presta atenção! – disse ele, sem educação alguma. — Você não está segura aqui, serpentes antigas e sombrias estão vindo atrás de você.

— Serpentes? Como assim?

— Demônios! Por algum motivo, eles estão atrás de pessoas como nós. Você e sua mãe estão em perigo aqui. Aliás, todos da festa estão. Precisa acabar com isso e fugir agora, garota!

Mesmo que aquilo tudo fosse verdade, eu não podia fazer isso. Nem conhecia esse garoto para começo de conversa, como ele podia chegar assim na minha casa, entrar no meu quarto e me dizer o que fazer?

— Alguém está vindo! – anunciou ele, aproximando-se de mim. — Faça o que eu digo, não perca mais tempo. Essa é a sua última chance.

Ele me olha preocupado e antes de desaparecer, diz algo segurando uma espécie de cristal azul. Chris e Sedrik entram no quarto, estavam atrasados, mas pelo menos vivos.

— O que foi? – perguntou Sedrik, ao me ver com a cara estranha.

— Não é nada. – disfarço. — Vocês dois demoraram pra caramba. O que realmente houve?

Os dois estavam fabulosos. Para mim, o mais simples era sempre o melhor, além de ser também o mais confortável. Eles já sabendo bem disso, haviam colocado uma blusa comum, calça jeans e tênis, e pronto. Afinal, minha festa não era um baile, todos poderiam ir como quisessem.

— Jayne, você sabe como minha avó é. — disse Chris, justificando seu atraso.

— E Sedrik, bem, ele passou no hospital antes de ir me encontrar.

— Como está o seu pai, Sedrik? Alguma mudança em seu quadro clínico? O que os médicos disseram?

Seu olhar era triste.

— Nada, continua do mesmo jeito. — disse ele, desanimado. — Não sei o que fazer, Jayne. Realmente eu não sei... Acho que eles já tentaram de tudo. E eu já tentei mais do que deveria.

— Os médicos vão cuidar bem dele, pode ter certeza, ele vai sair logo dessa. — insisto, confortando-o como podia. — Tudo irá melhorar, Sedrik. Bem, é melhor descermos agora. Ou vamos perder o melhor da festa.

Pego Sedrik pelo braço e vou com ele na frente, tentando alegrá-lo um pouco com minhas piadas. Chris vinha logo atrás de mim, me contando que sua avó havia implicado com sua roupa e não queria deixá-la sair. Olho para todos os lados, caçando Alex, mas ele já não estava em lugar nenhum.

— Chris, você viu o Alex?

— Não, por quê? Não me diga que ele também veio?

— Veio, mas provavelmente já deve ter ido.

— Melhor, não quero voltar a vê-lo nunca mais.

Sedrik bufou.

— Muito cara de pau a dele vindo aqui, justo no seu aniversário, Jayne. Ele sabe mesmo ser bem babaca.

Eu concordo.

A música era dançante agora, bem pop. O que fazia com que eu me esquecesse um pouco dos problemas e chamasse Sedrik para dançar.

— Vem! Eu adoro essa música.

— Ah, vamos então! – sorriu ele, pego de surpresa.

Chris dançava com Tyler, que insistia em pisar no seu pé a cada passo dado. Ainda assim, ela parecia se divertir muito com toda aquela situação. Já minha mãe, conversava com sua amiga Elena, e suas duas filhas, Casey e Olivia. Nossas vizinhas. A festa estava perfeita, Sedrik e eu ríamos sem parar, pois não levávamos muito jeito com a dança. Quando termina a música, “Bad Romance”, da Lady Gaga, minha mãe me chama, pedindo assim que todos finalmente prestassem atenção nela. Aquilo era tão constrangedor, mas de um jeito bom.

— Pessoal, chegou a hora dos parabéns! – avisa ela, mais animada do que eu, praticamente.

Logo, em seguida, todos gritaram animados com a notícia. Afinal, quem não queria uma fatia daquele bolo maravilhoso? Rapidamente, todos ficam em torno de mim e começam a cantar, e a bater palmas. Nunca havia me sentido tão feliz e envergonhada em toda a minha vida. Me aproximo do bolo e enquanto todos continuam festejando e batendo as mãos, apago as velas fazendo então o meu pedido.

Corto o primeiro pedaço e o entrego para minha mãe, a fazendo saltitar e sorrir, por não estar esperando por aquilo. Chris e Sedrik e todos os demais se servem com um pedaço, então aproveito para pegar um pouco de ponche para acompanhar. Entretanto, naquele instante, percebo um forte clarão e quando me dou conta, todos ao me redor estavam caídos, exceto Chris e Sedrik.

Corro até Laura que permanece desacordada e tento fazê-la acordar, mas era inútil. Era óbvio que não sabíamos o que fazer e não fazíamos ideia do que estava

acontecendo. Naquele instante, Alex surge pelo lado de fora da casa, acompanhado por um pequeno grupo de amigos.

— Ora, ora... quem diria! – exclamou ele, chamando a atenção dos companheiros. Eles eram quatro no total e todos tinham aqueles mesmos olhos sombrios. Espíritos malignos haviam os possuído e os controlavam. — Três Impuros, nossa... Isso com certeza a gente não encontra todo dia.

Os outros que o acompanhavam também riram.

“O quê? Sedrik e Chris também são Impuros?”

Entretanto, naquele momento, eu estava mais preocupada com outras coisas, incluindo, o medalhão que Alex segurava. O qual havia absorvido a alma daquela pobre garota. Recuo e insisto para que eles permaneçam longe de mim ou dos meus amigos.

— O que fez com todo mundo? Acorde-os! – ordeno.

— Só apaguei a memória de todo mundo. – brincou ele, ao chutar o corpo de Tyler. Chris grita, tentando fazê-lo parar, o que funciona, mas o que lhe deixa ainda mais furioso, e com os olhos escuros, e ainda mais brilhantes.

— Se não fosse por você, Jayne, eu já teria terminado com ela quando tive a chance, mas você fez questão disso não, é? – resmungou Alex.

— O que está dizendo, você não precisa fazer isso! – peço.

— Sinto muito, Jayne, mas ordens são ordens! – Ele acena com a cabeça e dois de seus amigos avançam contra nós.

Apenas nos abraçamos e esperamos pela morte, mas antes que qualquer um deles chegue a se aproximar o suficiente, uma forte luz branca atravessa a sala, os arremessando além das paredes.

— Pai! – digo surpresa.

Ao lado dele estava o garoto de antes, que havia invadido o meu quarto e que eu não sabia o nome.

— Jayne, não se mexa! – ele me pede, encarando Alex. — Kaider, proteja-os! Esses dois problemáticos aqui são meus! Evite que esses jovens Impuros se arrisquem mais do que devem.

Alex e o outro homem grande avançam depressa até Aran, mas ele era mais veloz que eles e com facilidade, desviava dos golpes perigosos e contra-atacava sem piedade com sua arma brilhante. O mais alto deles havia atravessado a parede da cozinha com o poderoso chute de Aran, restando apenas Alex ali, de pé. Kaider estava ocupado lutando com mais um dos inimigos; que de alguma forma, havia retornado sem nenhum arranhão. Sedrik, Chris e Eu, continuávamos agachados, escondidos da pancadaria e dos tiros embaixo da mesa.

— E agora, o que faremos? – perguntou Chris, assustada.

— Sedrik, fique aqui com ela! – peço. — Preciso tirar minha mãe do meio disso imediatamente.

— Ficou louca? – disse ele, cobrindo os olhos com as mãos. — Você acha que vou ficar aqui apenas te observando?

— Jayne, é perigoso! – insistiu ela.

— Desculpem!

Sedrik tenta me acompanhar, mas é impedido por Chris que o puxa de volta, pois ela estava morrendo de medo de ficar sozinha.

Continuo me arrastando pelo chão, enquanto o vidro das janelas se arrebatavam com os tiros de extremo poder, que Alex dava com seu bastão, enquanto meu pai desviava. Me aproximo do corpo da minha mãe, mas então sou surpreendida por um dos homens sombrios que agora havia retornado. Quando ele me toca, a joia em minha mão libera uma forte luz branca, o que faz com que ele seja logo tomado por ela, sendo assim, desintegrado por completo.

— Muito bem, Jayne! – gritou Kaider, me parabenizando pelo feito, enquanto desviava do chute do seu inimigo e com sua adaga, o perfurava atrás da cabeça. O que instantaneamente, também o faz desaparecer. Atencioso, Kaider vem até mim e me ajuda a levar Laura para perto dos meus amigos.

— Cuidem dela! – disse ele, rápido, voltando a luta.

Alex notando a desvantagem que estava, pega algo do bolso e engole. Rapidamente, seu corpo fica protegido por uma aura vermelha e ele devolve um forte soco em Aran, o que o faz voar sem sutileza até o jardim. Kaider tenta atacá-lo com suas facas, mas a barreira formada por aquele poder o defende, arremessando-as de volta. Ele desvia e tenta se aproximar novamente, porém, é afastado no tempo certo por Aran que o salva de ser torrado pelas chamas disparadas pela boca aberta de Alex.

Aran joga uma esfera contra as chamas, ela se abre e suga todo o fogo para dentro dela. Alex estava mesmo disposto a arriscar a vida de todos que estavam naquele local. Rapidamente, eu percebo isso, e meu pai também. Sem alternativa, ele salta até Alex e o abraça, e num simples toque, ambos desaparecem completamente, para algum outro lugar. Era como se nunca estivessem estado ali.

— Todos estão bem? – pergunta Kaider.

— Sim. – Eu confirmo. — Para onde meu pai foi?

— Não sei – disse Kaider, aproximando-se das janelas quebradas. — Só que não podemos ficar mais aqui, mais deles ainda estão vindo para cá. – Ele pega minha mãe no colo e apoia o peso dela com o ombro, deixando-a, apesar de inconsciente, bem confortável sobre as costas.

— Rápido, deem as mãos! – ele ordena.

Ao me tocar, todos viajamos. Quando me dou conta, já estou diante de um gigantesco portão antigo, retorcido e bem pintado de branco, e bastante encantador; na